

INSTITUTO	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	OESP
Data	19/4/99 Pg. 1-9
Class.	Uaimiri Atroari

QUESTÃO INDÍGENA

Cacique admite autoria de massacre

30 anos depois, Mario Paruwe revela que sua tribo matou 12 pessoas de uma expedição e 1 sertanista

KÁTIA BRASIL

Especial para o Estado

MANAUAS – O mais novo membro da comunidade indígena uaimiri-atroari nasceu em 16 de abril, na Aldeia de Samauma. É uma menina. Quando completar 5 anos de idade receberá um nome, durante a Festa do Marybá. A partir daí, crescerá recebendo os ensinamentos dos mais velhos sobre a luta da preservação dos costumes e da terra. Também saberá por

que seu povo é temido por ser autor de ataques violentos contra brancos. No dia 17, o cacique Mario Paruwe, de 48 anos, quebrou um silêncio antigo: relatou ao Estado como, ainda adolescente, participou, com 59 índios, do massacre de 12 pessoas da expedição do padre italiano Giovanni Calleri, em 1968.

Na versão oficial, o padre irritou os índios ao pegar de volta presentes que tinha oferecido. Paruwe desmente: “O padre chegou atirando e depois quis nos amansar e catequizar, mas não aceitamos.” Ele não revelou como ocorreram as mortes.

Paruwe também contou os motivos que levaram seu povo a matar o respeitado sertanista Gilberto Pinto Figueiredo, em 1974. O sertanista

foi para a aldeia tentar diluir as tensões criadas pela abertura da estrada que liga Manaus a Boa Vista (RR). “Gilberto foi confundido com um inimigo”, disse. “Com a chegada da estrada, veio muito bandido com metralhadora e muitas casas foram destruídas.” Paruwe ressalta que até hoje a tribo é guerreira. “A gente não pode desistir; nossos jovens são valentes”, frisou. “Qualquer branco que entrar na nossa terra, sem permissão, pode morrer.”

A população uaimiri-atroari aumentou nos últimos dez anos de 364 para 804 índios. Eles contam com patrimônio financeiro de R\$ 1,5 milhão, oriundo de indenizações relacionadas à construção da Hidrelétrica Balbina e da estrada.